

ANAIS DO
IV SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo PROF. EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA

COLONIZAÇÃO E
MIGRAÇÃO

XXXI

Coleção de *Revista de História* sob
a direção do Prof. Eurípedes
Simões de Paula.



São Paulo
1969

AS MIGRAÇÕES NUMA CONJUNTURA CRÍTICA: A PROPÓSITO DOS MOVIMENTOS DE POPULAÇÃO NO FIM DA IDADE MÉDIA (*).

VICTOR DEODATO DA SILVA

Instrutor da Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (SP).

Sem pretendermos expor de forma sistemática uma teoria concernente ao conhecimento histórico desejaríamos, porém, reafirmar o relativismo inevitável de que êste se reveste. Com efeito, cada época tem dos vários períodos do passado uma visão própria que reflete em grande parte os problemas e preocupações do presente. Se tal fato, por um lado, poderia aos olhos de alguns, que têm da ciência uma concepção excessivamente rígida, comprometer definitivamente o caráter científico da história, de outro autoriza a afirmação da inesgotabilidade do estudo do passado. Mas, ao mesmo tempo em que as maneiras de ver o passado se renovam constantemente entre os que trabalham na temática histórica no nível da especialização e pesquisa, há uma estranha persistência de certas idéias feitas e esquemas consagrados, mesmo entre pessoas que têm na história a sua atividade profissional. Sem pretendermos que êles sejam mais raros em outros setores do conhecimento histórico, não hesitaremos em afirmar que os “clichés” são particularmente numerosos relativamente à história medieval.

Assim, por exemplo, ainda são numerosos aqueles que insistem em afirmar o caráter estático da sociedade medieval, tendendo a ver na tendência estamental da organização social uma impermeabilidade entre as várias camadas da população apenas menos acentuada do que a vigente num sistema de castas. Ora, tal impermeabilidade não existiu em nenhuma fase da Idade Média e, inclusive, os mecanismos de formação dos vários grupos sociais bem como os processos

(*) . — Comunicação apresentada na 2ª sessão de estudos, no dia 4 de setembro de 1967 (*Nota da Redação*).

(1) . — Entre os trabalhos pioneiros convém mencionar as páginas magistrais de Marc Bloch, presentes em quase tôdas as suas obras, por exemplo: *La Société Féodale*, Paris, 1939, sobretudo a segunda parte do primeiro

de transferência de indivíduos de uma para outra camada da população têm sido recentemente objeto recentemente de estudos sistemáticos (1).

Tal visão estática está igualmente presente na tendência a insistir no imobilismo espacial das populações medievais, ao menos em certas fases e presente, por exemplo, na noção do servo ligado à gleba. Ora, ao contrário do que se pretende por vezes ainda em nossos dias, em todo o transcurso da época medieval a deslocação de indivíduos, ou de pequenos grupos de pessoas ou de massas consideráveis de população sempre foi assaz intensa. Como afirma pertinentemente em livro recente o medievista francês Le Goff: “la société médiévale a été semi-nomade” (2).

*

No que diz respeito à chamada alta Idade Média (período que, seguindo as convenções obedecidas pela historiografia ocidental, caracterizaremos como aquêl compreendido entre os séculos V e X, grosseiramente) parece-nos não haver maiores dúvidas visto ser o mesmo predominantemente caracterizado por sucessivas vagas migratórias de massas consideráveis de população, migrações essas vulgarmente denominadas “invasões”. Essas sucessivas vagas invasoras provocaram profundas e freqüentemente duradouras alterações na fisionomia étnico-cultural da Europa, Ásia ocidental e norte da África, não só pela pressão entre povos migradores, mas também dêstes sobre as populações das regiões ocupadas, freqüentemente forçadas também a se deslocarem. Como casos clássicos, lembráramos a fuga dos bretões, acossados pelos jutos e anglo-saxões, para o País de Gales, Escócia e Armórica gauleza, ou ainda o das populações iberovisigóticas que, pressionadas pelos conquistadores muçulmanos, se refugiaram nos Pirineus. A partir dos meados do século XI verificou-se, porém uma crescente rarefação de tais formas migratórias, que tinham colocado em plano secundário outras formas de desloca-

volume; *Seigneurie Française et Manoir Anglais*, cap. 1, pp. 23 sqq.; o cap. para a *The Cambridge Economic History of Europe*, “The rise of dependent cultivation and seigniorial institutions”, Cambridge, 1941, pp. 224-277. Mais recentes, os artigos de Léopold Génicot publicado nos *Annales. Economies. Sociétés. Civilisations. Paris*, ano XVII, nº 1, jan.-fev. 1962, La noblesse au Moyen Age dans l'ancienne “Francie”, pp. 1-22, e nos *Comparative Studies in Society and History*, tomo V., nº 1 out.-dez. 1962, La noblesse au moyen age dans l'ancienne “Francie”. Continuité, rupture ou évolution?, pp. 52-59.

(2). — *La Civilisation de l'Occident Médiéval*, Paris, 1965, p. 13 e tb. pp. 172 sqq. Em *La Société Féodale*, já citada, são dignas de registro as considerações de Marc Bloch sobre a questão, pp.99 sqq.

ção de indivíduos ou grupos. Estas, por força de um aumento do índice de segurança, ganharam um novo impulso e a elas aos poucos se somaram novas modalidades de migração.

Antes de enumerá-las desejaríamos fazer algumas considerações sobre as relações entre a demografia e as migrações. A teoria do espaço vital, desenvolvida por Ratzel e outros geógrafos do século passado e primeira metade do atual, levaram freqüentemente a uma associação estreita, quase determinante, entre emigração e incremento demográfico. Tal noção tem sido contrariada em muitos casos concretos e, inclusive, no caso em exame estamos em presença de um caso de movimentação de populações provocada por uma verdadeira catástrofe demográfica, pelo menos em grande parte. Todavia, no concernente às deslocções de populações verificadas a partir do século XI, cumpre salientar a existência de uma assaz ponderável motivação demográfica. Não obstante a falta de cifras (por tratar-se de época situada em pleno coração da idade pré-estatística), hoje já não há mais lugar para dúvidas quanto a um notável incremento populacional a partir do século XI.

A mais clara manifestação evidenciadora de tal tendência, e que permitirá a retomada de nosso tema específico, é um considerável movimento de arroteamentos que transformou em terrenos agrícolas, amplas extensões de terra ocupadas por florestas e pântanos, modificando consideravelmente a paisagem agrária da Europa Ocidental, acompanhando-se da deslocação de massas consideráveis de população (3). O aumento da produção agrícola, simultâneo a uma melhora considerável nas condições de segurança forneceu aos comerciantes uma maior quantidade de mercadorias e também mais clientes, tendo aquêles ainda as suas fileiras aumentadas pela absorção crescente de elementos da parte ociosa dos excedentes de população. Estes forneceram ainda o principal contingente dos artesãos cujo número aumentou consideravelmente. Artesãos e comerciantes se constituíram nos elementos característicos das cidades renascentes, ainda que, dado o aspecto rústico das cidades medievais, não se deva minimizar o papel dos camponeses. Igualmente o florescimento urbano implicou na deslocação de quantidades consideráveis de população. Por outro lado é evidente que antes do século XI, mesmo nas fases mais agudas de invasão, subsistiam comerciantes,

(3). — A síntese mais recente sobre a vida agrária medieval é de G. Duby, *L'Économie Rurale et la Vie des Campagnes dans l'Occident Médiéval*, Paris, 1962, 2 vols. V. 1, pp. 28 sqq. e sobretudo o vol. II, pp. 131 sqq.

artezãos e conglomerados urbanos, porém numa escala muito mais reduzida (4).

Igualmente com intensidade menor verificavam-se, no período anterior ao século XI, outras formas de deslocamento de indivíduos ou grupos e que ganharam a partir de então novo impulso. Por exemplo, os monges giróvagos que, desde os inícios do monaquismo no Ocidente, mereceram restrições da regra e autoridades beneditinas e que, conhecidos como “vagantes”, “goliardos” e outras denominações, constituíram-se num setor característico do clero regular no período iniciado no século XI (5). As peregrinações nos fornecem outro exemplo de deslocamentos de indivíduos ou grupos cujo incremento então se verificou e cujas características de que se revestiam transformaram-se progressivamente, com as motivações religiosas encontrando rivaís, freqüentemente dominantes, no desejo de aventuras ou num verdadeiro impulso turístico “avant la lettre”. Em princípio, é bem verdade, as peregrinações não deveriam ser associadas às migrações ou colonizações, visto que, normalmente, o peregrino objetivava retornar aos seus, o que não acontecia com estas. Na verdade nem sempre esse retorno se verificava e também nem sempre a morte era responsável por tal fato (6). Ainda mais se justifica tal associação se considerarmos que as Cruzadas podem ser classificadas como derivação das peregrinações e que as mesmas foram recentemente classificadas como “le premier exemple de colonialisme européen” (7). O impulso expansivo que configura a maior parte das modalidades de deslocamentos de populações que acabamos de examinar indica claramente uma conjuntura amplamente favorável: incremento demográfico, aumento da produção agrícola, progressos na circulação comercial, desenvolvimento artesanal e expansão urbana. Se aduzirmos a êsse quadro a generalização de melhorias técnicas consideráveis e uma notável renovação no campo cultural, ficará

- (4). — Da vasta bibliografia existente reteremos somente o tomo II da *The Cambridge Economic History of Europe*, Cambridge, 1952, bem como o tomo II da *Histoire Générale du Travail*, “L’age de l’artisanat”, de F. Lot e F. Mauro, Paris, 1960.
- (5). — Entre as obras mais recentes registre-se o tomo XII (1a. e 2a. parte) da *Histoire de l’Église*, dir. por A. Fliche e V. Martin, Institutions ecclésiastiques de la chrétienté médiévale por G. Le Bras, Paris, 1964.
- (6). — Ao lado da conhecida obra de Romain Rousel, *Les Pèlerinages a travers les Siècles*, Paris, 1954, sobretudo 32 sqq, muito geral, anote-se o artigo de E.-R. nos *Cahiers de Civilisation Médiévale*, Poitiers, Tomo I, n.º 2, abr.-jun. 1958, pp. 159-169, cuja continuação se encontra no n.º 3 do mesmo tomo, jul.-set. 1958, pp. 339-347, *Recherches sur les pèlerins dans l’Europe des XIe. et XIIe. siècles*.
- (7). — Le Goff, *op. cit.*, p. 98. Citaremos ainda o recente trabalho de Aziz Atiya, *Crusade, Commerce & Culture*, N. York, 1962, assaz esclarecedor para o aspecto que nos interessa aqui e completado por boa bibliografia.

bem delineada uma conjuntura de expansão. Esse impulso expansivo manteve-se até o século XIII, quando êle se enriqueceu, no aspecto que nos interessa aqui, o da deslocação de populações, com um acontecimento importante: a colonização alemã na Prússia, Silesia e outras regiões situadas ao Oriente e anteriormente ocupadas por populações eslavas. Nos inícios do século XIV transformações importantes começaram a prenunciar uma mudança de conjuntura, desta vez com tôdas as características de uma profunda depressão, sem dúvida uma das maiores por que passou a Europa Ocidental.

*

Este não é, evidentemente, o momento de entrarmos em detalhes mais minuciosos a respeito das crises dos séculos XIV e XV, de resto objeto de trabalhos de síntese recentes (ainda que necessariamente incompletos, dado o fato de não existirem ainda estudos parciais suficientemente numerosos) (8), pelo que nos limitaremos a acentuar alguns aspectos mais importantes para a compreensão dos fenômenos ora em exame, ou seja, as migrações no fim da Idade Média.

Assim, em primeiro lugar, mencionaríamos uma série de perturbações graves do ponto de vista demográfico que, não obstante o fato de atingir desigualmente as várias regiões da Europa Ocidental, no conjunto, provocaram um declínio populacional nos meados do século XIV, seguido de alternativas de estagnação, pequenas quedas e ligeiras ascensões (9). Encontrando suas primeiras manifestações nas epidemias de fome de 1315 a 1317, das quais foram particularmente estudadas as que atingiram os Países-Baixos, agravadas com a manifestação de um estado de guerra de caráter endêmico em algumas regiões, sobretudo a França e a Itália (10), tal declínio atingiu seu ponto crítico com a Peste Negra que, originária do Oriente, ceifou de 20 a 70% da população européia, variando sua incidência de região para região, mas situando-se sua média de mortalidade entre, provavelmente, 30 e 40%. Se com a Peste Negra as manifestações epidêmicas conheceram sua forma mais intensa e genera-

(8). — J. Heers, *L'Occidente aux XIVe et XVe. Siècles*, Paris, 1963, constituindo-se no vol. 23 da col. "Nouvelle Clio".; J. Glénisson, *Les Découvertes*, Paris, 1966, col. "Les Métamorphoses de l'Humanité". Mais antigos, porém úteis, Édouard Perroy e outros, *Le Moyen Age. L'expansion de l'Orient et la Naissance de l'Europe*, col. "Histoire Générale des Civilisations", Paris, 1955 e Robert S. Lopez, *La Naissance de l'Europe*, Col. "Destins du Monde", Paris, 1962. Todos com boas Bibliografias.

(9). — Heers, *op. cit.*, pp. 264 sqq.; Glénisson, *op. cit.*, pp. 81 sqq.

(10). — Heers, *op. cit.*, pp. 92 sqq.; Glénisson, *op. cit.*, pp. 37 sqq.

lizada, não cessaram aí seus ataques, verificando-se numerosas reincidências (11). Os efeitos acumulados das fomes, guerras e pestes sobre as atividades econômicas foram catastróficos, com incidência altamente negativa sobre a mão-de-obra e o consumo, daí resultando uma grande inquietação social manifestada através de múltiplas modalidades de desordens e migrações.

Se temos, todavia, no declínio demográfico e seus principais agentes — a fome, a guerra e a peste — os componentes mais espetaculares da crise do fim da Idade Média, neles não se resume a mesma. No setor religioso lembraríamos a transferência temporária da sede do papado de Roma para Avinhão desde 1305, agravada a partir de 1378 com o Cisma. No plano político verificou-se aquilo que poderíamos classificar como o nascimento do Estado moderno, acompanhado do surgimento do sentimento patriótico, não sem perturbações sérias, de que é o exemplo mais frisante a Guerra dos Cem Anos. A arte da guerra passou, por sinal, por modificações que elevaram extraordinariamente os seus efeitos destrutivos, transformando-se dos combates de pequenos grupos de nobres interessados no aprisionamento dos adversários para a obtenção de resgate, em que consistia essencialmente, em longas campanhas levadas a efeito por mercenários, preocupados em obter o máximo de vantagens em pilhagens e interessados em criar o máximo de dificuldades para o inimigo, através de destruições sistemáticas, sobretudo de colheitas, de molde a impedir-lo de abastecer-se (12).

No setor econômico, por outro lado, a depressão não se fundava unicamente nas já mencionadas perturbações no mercado de mão-de-obra e no consumo. Na circulação monetária a evasão de metal precioso, decorrente do *deficit* das relações comerciais com o Oriente e da tendência a um entesouramento excessivo, tiveram reflexos nocivos sobre o comércio, com repercussões indiretas na agricultura e artesanato (13). Provavelmente mais graves ainda seriam o imobilismo tecnológico (14), sobretudo, certas limitações inerentes à própria dinâmica do sistema feudal, tais como a canalização da maior parte dos benefícios econômicos para classes destituídas de mentali-

(11). — Heers, *op. cit.*, pp. 90 sqq.; Glénisson, pp. 65 sqq.

(12). — Além do livro já citado do prof. J. Glénisson, mencionaríamos o pequeno, mas sugestivo trabalho, de P. Contamine, *Azincourt*, Paris, 1964, além da obra clássica de J. Huizinga, traduzida inclusive para o português com o título de "*O Outono da Idade Média*", Lisboa, s/d.

(13). — Heers, *op. cit.*, pp. 180 sqq.; Perroy, *op. cit.*, cap. 2 da 2a. parte e também o art. de W. C. Robinson em *The Economic History Review*, Utrecht, tomo XII, nº 1, 1959, pp. 63-76; Money, population and economic change in late medieval Europe.

(14). — Hilton, Y eut-il une crise générale de la féodalité?, in *Annales. Économies. Sociétés. Civilisations*, Paris, ano VI, a. série, jan.-fev. 1951, p. 23.

dade investidora como a nobreza e alto clero, e a reduzida movimentação de capitais provocada — paradoxalmente — simultaneamente por um certo tipo de entesouramento excessivo e improdutivo (por exemplo, na forma de jóias entre membros da nobreza e, sobretudo, pelos objetos litúrgicos constituindo o “tesouro” das sés episcopais e mosteiros) e por uma tendência ao esbanjamento suntuário, própria às classes senhoriais (15). Todo êsses fatos parecem-nos bem caracterizar a extensão e a profundidade da depressão por que passou a Europa Ocidental nos dois últimos séculos da Idade Média e já permitem pressentir o sentido negativo da maior parte das migrações que então se verificaram.

*

Devemos por outro lado acentuar que, quão generalizada fôsse ela, a crise não atingiu nas mesmas proporções todos os setores da sociedade (da mesma forma que os seus efeitos se fizeram sentir desigualmente de região para região). Assim, do ponto de vista demográfico, se em certos momentos de crise aguda (pensamos sobretudo nas epidemias) a mortalidade parece ter sido bem mais acentuada nas cidades do que na zona rural, a longo têrmo esta parece ter pago o onus mais pesado de tais perdas, visto terem contingentes de seus habitantes, através da emigração, preenchido os claros verificados nos núcleos urbanos. Isto porque a cidade, de uma forma geral, sempre se constituiu em polo de atração para as populações rurais, acentuando-se ainda mais tal tendência nos momentos de crise (16).

Já por ocasião da grande crise alimentar que atingiu duramente algumas regiões da Europa em 1315-1317, sobretudo a Inglaterra, norte da França, Países-Baixos e grande parte da Alemanha, podemos discernir um dos mecanismos de tal tendência. Tal crise foi provocada essencialmente pela ocorrência de uma série catastrófica de intempéries (sobretudo na forma de chuvas torrenciais que se prolongaram da primavera até os meados do outono, além de um frio considerável) que provocaram a perda de parte preponderante das colheitas. Ainda que a armazenagem de alimentos se processasse então

(15). — Le Goff, *op. cit.*, pp. 437-444; Heers, *op. cit.*, p. 334.

(16). — Heers, *op. cit.*, p. 93; Glénisson, p. 85. O pioneiro dos estudos das aldeias abandonadas (*wuestungen*”, em alemão) foi W. Abel, *Die Wuestungen des ausgehenden Mittelalters*, Iena, 1943. Todavia, o estudo mais completo é a coletânea de trabalhos de especialistas de toda a Europa, publicada sob o título de *Villages Désertés et Histoire Économique (XIe.-XVIII siècles)*, Les Col. Les Hommes et la Terre, t. XI. Paris, 1965.

numa escala muito limitada, fato que, aliás, contribuiu poderosamente para que a crise agrícola atingisse proporções catastróficas, era ela muito mais freqüente nos centros urbanos (sobretudo por comerciantes, que aproveitavam tais crises para proceder a especulações altamente lucrativas) do que no campo (sobretudo entre as classes mais baixas, visto que pagas as contribuições devidas aos senhores e comprados os bens de consumo indispensáveis somente restava ao camponês o estritamente necessário para esperar a colheita seguinte, e se esta falhava, a situação do mesmo tornava-se crítica). Por outro lado, podiam as cidades, por iniciativa de seus corpos diretivos, proceder à importação de alimentos, o que representava uma perspectiva não desprezível de abastecimento. Todos êsse fatos faziam com que os camponeses desesperados e famintos, freqüentemente reduzidos à indigência, vissem na cidade uma esperança de sobrevivência, contando com a assistência das entidades caritativas lá existentes. O fato de tais esperanças serem freqüentemente frustradas não impedia a repetição do fenômeno a cada epidemia de fome (17).

Igualmente consideráveis eram as repercussões negativas das guerras. Todavia, deve-se frisar que estas, no conjunto, somente assumiam proporções realmente ponderáveis em algumas regiões da Europa. Embora por tôda a parte a guerra constituísse um fato corriqueiro, seus efeitos se manifestaram em tôda a sua plenitude no complexo franco-flamengo, palco da Guerra dos Cem Anos, e na Itália, fragmentada numa multidão de repúblicas municipais rivais e cujos desentendimentos se superpunham às rivalidades entre partidários do Papado (Guelfos) e do Santo Império Romano-Germânico (Gibelinos). Em ambos os casos estamos na presença de guerras em estado endêmico, geradoras de uma situação quase anárquica, na qual as fases de trégua se mostravam quase tão inquietantes quanto os períodos de hostilidades (18).

Se em tempo de guerra, os exércitos em retirada, preocupados em impedir o reabastecimento do inimigo e assim dificultar a sua marcha, competiam com as forças invasoras em preocupação destrutiva, em período de paz os mercenários de ambos os lados transformavam-se em saqueadores, depois de serem licenciados pelos seus contratantes, reunindo-se em grupos, freqüentemente sob a liderança de um capitão que impunha uma disciplina rígida e que procediam à pilhagem das regiões em que se instalavam de forma metódica. Na França citaríamos, por exemplo, o caso de Mérigot Marchès que, instalado no castelo de Roche-Vendeix, procedeu ao saque da Au-

(17). — Heers, *op. cit.*, p. 87; Glénisson, *op. cit.*, p. 53.

(18). — Heers, *op. cit.*, p. 92; Glénisson, *op. cit.*, p. 37; E.-R. Labande, *L'Italie de la Renaissance*, Paris, 1954, 2a. parte, pp. 172-366.

vergne com tal eficiência que conseguiu acumular a mui apreciável fortuna de cem mil francos de ouro (19). Embora nem todos os “routiers” (do latim “rupta”: tropa, portanto chefe de tropas) mostrassem a mesma eficácia, o exemplo é frisante. Na Itália, as perspectivas ainda se mostravam mais favoráveis, constituindo-se num verdadeiro paraíso dos elementos interessados em fazer fortuna pelas armas. Num exemplo entre muitos poderíamos reproduzir aqui o testemunho de Demétrio Cidônio, intelectual e homem de estado bizantino, partidário da união das igrejas romana e oriental, convertido ao catolicismo romano e que realizou numerosas viagens à Itália, a mais importante das quais verificada em 1369, no séquito do imperador João V Paleólogo. Pois bem, numa de suas viagens, realizada em 1353, depois de estadia em Veneza, onde desembarcou, desejava êle ir até Roma, sendo obrigado a abandonar tal projeto em virtude de as estradas que ligavam as duas cidades estarem infestadas de bandidos. Mas, ouçamô-lo:

“... Eu desejava... ir também a Roma e cumprir a promessa feita aos mui santos Apóstolos e ficar quites com meu voto, sendo êsse o objetivo que me tinha proposto ao partir... Mas meus amigos de Veneza... aconselhavam-me,... suplicavam,... mostravam mesmo claramente que não me deixariam partir e que, se pudessem, não hesitariam em recorrer à violência para impedir-nos de nos expor a perigos evidentes, eu e meus companheiros. “A viagem a Roma exigia muitos dias e a estrada estava infestada de bandidos, tiranos, homens de guerra uns contra os outros; tratava-se portanto de um perigo certo para os que viajavam”. Êles me provaram que, muitos dos que viajavam na Itália, alguns tinham sido despojados de tudo o que tinham inclusive a própria camisa, outros torturados, com os membros mais necessários amputados e obrigados por isso de resgatar o resto de seus corpos com tesouros de Crespo; outros, incapazes de suportar essas torturas, nelas tinham encontrado a morte; e êles me prediziam que nos passaríamos por essa experiência se, diante dos conselhos que êles nos davam em nosso interesse, não nos resignássemos em ficar...” (20).

Creemos que pelas linhas acima reproduzidas é fácil fazer-se uma idéia do clima político e social reinante na Itália e também avaliar as repercussões econômicas, sobretudo no que concerne às relações comerciais, de uma tal situação. Porém, mais importante parece-nos ressaltar a importância dessas Companhias, nomes por que eram conhecidos êsses grupos de mercenários liderados por um capitão, como

(19). — Contamine, *op. cit.*, cap. 3, p. 69; artigo de H. Moranvillé, La fin de Mériqot Marchès, *Bibliothèque de l'École des Chartes*, tomo 53, 1892 (Paris), pp. 77-87.

(20). — Vertido da trad. francesa de G. Cammelli, *Correspondence* (de Démétrius Cydonès), Paris, 1930, p. 14.

uma forma de migração. De fato, tratava-se sobretudo de estrangeiros, alemães, suíços, ingleses, catalães, etc., originários das mais diversas camadas sociais (bastardos ou filhos menores, portanto sem herança, de nobres, foragidos da justiça, camponeses com obrigações para com seus senhores, etc.). Sobretudo na Itália, as perspectivas de sucesso provocou a multiplicação dos “condottieri” que, efetivamente, conseguiam por vezes chegar a situações invejáveis, como o inglês John Hawkwood que, como prêmio aos serviços prestados a Bernabò Visconti, ao casar-se com uma filha bastarda deste aparentou-se a ilustres famílias reinantes da Europa (21). Tais sucessos somente podiam estimular os elementos desejosos aventuras.

Ainda no que concerne à guerra, como já ocorrera com as acima mencionadas crises alimentares, as migrações por ela provocadas obedeciam o sentido campo-cidade, visto que as perspectivas de proteção oferecidas pelas muralhas destas eram evidentes. Por outro lado, mais talvez do que as outras modalidades agudas de crise, contribuiu a guerra para a dissolução dos vínculos senhor-dependente, visto figurar como dever número um do primeiro a proteção deste (22).

Porém, de todos os componentes da grave crise dos séculos XIV e XV, aquêle que mais consideráveis repercussões econômicas e sociais apresentou, parece ter sido a Peste Negra de 1348-1349 que, aliás, conheceu reincidências menos mortíferas nas décadas seguintes. Tal se deveu não somente à sua violência mas, sobretudo, à sua universalidade (em termos de Velho Mundo, é evidente), visto que a Eurásia e norte da África foram atingidos de forma generalizada (23). A intensa e súbita onda de mortes trouxe perturbações muitas sérias em todas as atividades, provocando uma grande efervescência social. E com ela uma vaga de migrações bastante intensa, ainda uma vez obedecendo predominantemente o sentido campo-cidade (24).

O mecanismo de tais migrações não é difícil de ser caracterizado. A súbita mortalidade (que, aliás, parece ter sido mais intensa nas cidades, onde tanto a promiscuidade quanto às más condições de higiene eram maiores) provocou uma repentina redução nos mercados consumidores dos produtos agrícolas da qual resultou uma momentânea baixa nos gêneros alimentícios, trazendo aos agricultores grandes dificuldades financeiras. Tendo se verificado concomitantemente uma notória carência de mão-de-obra, os salários conheceram

(21). — Labande, *L'Italie...*, p. 192.

(22). — Robert Boutruche, *La crise d'une Société. Seigneurs et Paysans du Bordelais pendant la Guerre de Cent Ans*. Paris, 1947. V. sobretudo pp. 295 sqq. e 429-432.; Herrs, *op. cit.*, p. 108.

(23). — Glénisson, *op. cit.*, pp. 69 sqq.

(24). — V. nota 16.

uma alta instantânea que, combinada com a situação desfavorável dos camponeses, fez com que estes divizassem na obtenção de trabalho na cidade o remédio para seus problemas. De fato, o problema do abandono das culturas parece ter sido agudo e não parece ser menos evidente que as cidades conseguiram, graças à imigração, recobrar em parte o seu antigo índice demográfico (25).

O abandono dos campos obviamente repercutiu na produção agrícola, cuja queda provocou ulterior subida nos preços, visto terem os consumidores aumentado de número. De resto nesta alta teve seu papel o aumento dos salários agrícolas, provocado pela carência de braços decorrente das migrações para as cidades. A conjugação do aumento de preços dos alimentos com o dos artigos artesanais produzidos nas cidades (onde também tinha se verificado uma sensível alta nos salários, como já foi indicado anteriormente) provocou protestos ásperos dos consumidores (pertencentes em parte às classes altas tradicionais) que levaram às autoridades a baixar uma série de medidas legislativas repressora das situações então configuradas como abusivas, entre as quais se destacam uma série de grandes ordenações reais (26).

O exame dessa legislação confirma em grande parte o mecanismo acima descrito, introduzindo porém aspectos não incluídos nele. Uma das constantes que nela pode ser verificada é o combate à mendicância e à vagabundagem, com penalidades bastante severas. Um

-
- (25). — Alguns estudos monográficos têm confirmado o fato. Por exemplo, o artigo de William M. Bowsky, *The impact of the Black Death upon siennese government and society*, in *Speculum*, t. XXXIX, nº 1, pp. 1-34, jan.-mar. 1964. Sobretudo p. 26.
- (26). — O movimento parece ter se iniciado na Inglaterra, onde Eduardo III, na ausência do Parlamento, estabeleceu por ato algumas medidas gerais em 18 de junho de 1350, substituído pelo "Statute of Labourers", bem mais detalhado e promulgado pelo Parlamento em 9 de fevereiro de 1351. A Ordenação portuguesa está datada de 1349, mas tal data tem sido discutida (V. Marcelo Caetano, *A administração municipal de Lisboa durante a 1a. dinastia*, in *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa*, vol. VII, 1950, pp. 5-112, sobretudo pp. 81 sqq.). Em Aragão, depois de algumas Ordenações destinadas a fazer face aos problemas mais imediatos, de 1349, foi promulgada por ocasião das Córtes de Saragoça, em maio de 1350, a grande Ordenação. Na França a grande Ordenação relativa à cidade de Paris foi promulgada por João o Bom em 30 de janeiro de 1350. Para o reino de Castela foram elaboradas uma série de Ordenações, em consideração às variações regionais de salários e preços, sendo a mais antiga datada de 28 de setembro de 1351 e dirigida à região de Toledo e Cuenca. Além destas, talvez existam outras ordenações reais, além de numerosas posturas municipais, algumas já localizadas.

dos exemplos característicos é a passagem dedicada ao problema na Ordenação portuguesa, que reproduzimos em seguida:

“E sse achardes que alguuns homens e molheres sson taaes que possam servir em algumas das cousas sobre ditas, que andam pedindo pelas portas e non querem servir e lhis dam as esmollas que devyam a seer para os velhos e mancos e cegos e doentes e outros que nom podem guaanhar, por que vyvam que razom e daguysado as devyam d'aver poys nom an corpos para fazer nem huum servyço, constrengendoos que sirvham em aquelo que vyrdes que compre. E sse nom quyserem fazer açoutade-os e deitade-os fora da vila. E nom consentades que os colham nas albergarias e espitaaes. E dade pena qual vyrdes que he aguisada aos albergueyros e a outros quaesquer que os en essas casas colherem” (27).

Essa permanente preocupação com a mendicância teria, uma primeira explicação no fato de parte da população ter-se realmente arruinado com as perturbações ocasionadas pela peste. Assim, D. Pedro IV de Aragão, por ato de 22 de novembro de 1348, concedeu aos habitantes da aldeia de San Miguel de Adamuz, que arruinados pela peste e crivados de dívidas pensavam em emigrar e mendigar, para tentar pagá-las, uma moratória de dois anos (28). Se pensarmos que nem todos os soberanos agiam com a mesma generosidade e presteza, pode-se facilmente admitir que muitos camponeses em condições similares saíssem a apelar para a caridade pública. Uma outra explicação residiria num possível aumento do espírito caritativo, que funcionaria como estimulante à mendicância e vagabundagem. E' hipótese que mereceria ser verificada, tanto mais que não são abundantes os trabalhos sôbre a assistência social no período considerado. Em todo o caso, um estudo recente sôbre as dotações testamentárias (29) revela uma clara tendência contrária, mas esta é apenas uma das modalidades de caridade, com a agravante de restringir-se o estudo em foco à sua incidência a um único grupo social, no caso a burguesia.

Uma explicação mais simples e convincente ou, ao menos, aplicável talvez à maioria dos casos, seria talvez a do insucesso daqueles que se deslocavam à procura de uma ocupação remunerativa. Na verdade é necessário não esquecer que na sua maioria êsses emigrantes não dispunham de qualificação profissional que facilitasse sua

(27). — Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Livro de leis e posturas antigas, fol. 159, vº, 1a. col. (126 vº).

(28). — Publ. por Amada Lopez de Menezes in *Documentos acerca de la Peste Negra en los Dominios de la Corona de Aragon*. Saragoço, 1956, p. 40.

(29). — F. Leclere, Recherches sur la charité des bourgeois envers les pauvres au XIVe. siècle à Douai, in *Revue du Nord*, Lille, t. XLVIII, nº 189, abr.-jun. 1966, pp. 139-154.

absorção no mercado de trabalho oferecido pelas cidades, tanto mais que os vários ofícios eram regidos por corporações de tendência monopolista e extremamente ciosas das prerrogativas de seus membros, encarando com hostilidade o ingresso de recém-vindos. Aliás, as legislações em questão incluem freqüentemente medidas restritivas às iniciativas das corporações, provavelmente por sentirem os poderes públicos constituírem as mesmas um obstáculo à normalização do mercado de trabalho. Assim, por exemplo, a Ordenação de Pedro, o Cruel estabelece com severidade que:

“Orossi que ningunos omos nin mugeres non ssean ossados de ffazer confradias nin cabildos nin ordenamientos, ssin los officiales de cada lugar que ssean a danpno del pueblo” ((30).

Ainda para explicar tais migrações seria conveniente evocar o caso daqueles que recebiam heranças de parentes mortos durante a epidemia, os quais por vêzes podiam habitar em locais distantes daquele em que residia o herdeiro. Embora devendo ter-se verificado em maior ou menor escala em outros pontos da Europa, o problema parece ter preocupado sobretudo Afonso IV que, na já mencionada ordenação, dedica bastante atenção ao mesmo. Assim é que no prólogo pode ler-se:

“... Sabede que a mim he dito que em essa vila e em seu termho ha hommens e molheres que antes que Deus desse a pestilencia que hy ouve, guanhavam dinheiros para a ffam de seus corpos, obrando cada huum e cada huma de seuus mesteres e servyços e servyam esses concelhos como conpria. E que agora que cobrarom alguums bees por mortes d'algumas pessoas, que sse teem em tam grandes que non querem obrar de seus mesteres e servyços como antes faziam. E que poresto es dessa vila e termho rrecebem grandes perdas e danos...” (31).

E mais adiante, já entre as providências ordenadas:

“Tenho por bem e mandou que em cada huma freyguesia desse logar pnhades dous hommes boos dessa freyguesia sem sospeita, jurados dos Sanctos avangelhos que bem e dereitamente sabham todos aqueles e aquelas que husavam de mesteres e servyam nos lavores das vinhas e erdades e gaados e das outras cousas... E se alguuns dos sobre ditos a que acontecerom aueres por rrazom da morteydade ou por outra manero uos quisserem mostrar que por direita rrazom nom devem d'usar dos mesteres e servyços de que antes husava, vos conhecede-lhi delo chaamente e ssem delonga. E sse achardes que com rrazom e aguysado non deve husar deles, vos considerade a pessoa qual he e o auer e mandade lhy que huse de mercadoria ou

(30). — Art. 37 do exemplar destinado a Toledo e Cuenca (v. nota 26).

(31). — A.N.T.T., Livro de leis e posturas antigas, fol. 158, v^o, 2a. coluna (125 v^o).

de lauoyra ou d'outro mester ou servyço mais honrrado que o que antes avya..." (32).

Todos êsses fatos atestam eloqüentemente a mobilidade das populações medievais durante as epidemias. Um estudo relativo à cidade de Albi, no sul da França, permite avaliar a renovação das populações urbanas durante a Peste Negra. Da comparação de dois "compoix" (espécie de cadastro municipal, em que eram registrados, para efeitos fiscais, os bens dos habitantes possuidores de patrimônio), um anterior (1343) e outro posterior (1357) obtêm-se os dados seguintes: em um dos bairros da cidade, sôbre 638 nomes recenseados em 1343, 74 ocupavam o mesmo bairro em 1357, enquanto 68 tinham se transferidos para outros bairros e 496 (78%) desapareciam totalmente; em outro bairro de 242 nomes recenseados em 1343, 118 eram novos na cidade (47,5%). Tais porcentagens permitiram avaliar em mais de 50% a população urbana desaparecida pela doença ou pela fuga (33). Tais números são suficientemente expressivos e é pena que a raridade de documentos dêsse gênero não permita a multiplicação de tais estudos.

Em vista do expôsto acreditamos ter ficado salientados a extensão e a natureza das migrações verificadas no fim da Idade Média. Para elas contribuiu a reduzidíssima difusão do sistema de propriedade, sobretudo na zona rural, que fazia com que os camponeses se sentissem menos ligados à terra e moralmente autorizados a partir em busca de maior segurança, no momento em que o senhor não podia oferecer a proteção devida aos seus dependentes, em troca dos serviços prestados por êstes. Assim, uma crise da amplitude daquela verificada no período que nos ocupa sômente poderia contribuir para enfraquecer os laços de dependência.

Todavia, tal crise apresentou outras conseqüências importantes. O abandono do campo, como o desaparecimento temporário ou definitivo das aldeias permitiu que a floresta recuperasse parte do terreno perdido. A grande mortalidade favoreceu renovação ponderável nos vários setores da sociedade. Ainda que prolongadas, as provações da Europa deveriam conhecer seu fim na segunda metade do século XV, quando se verificou o início de nova fase de expansão, em termos novos, com o capitalismo parcialmente liberado de muitas das cadeias feudais. O quanto possam ter sido intensas as movimentações de populações durante a crise, viriam elas a ter suas proporções consideravelmente reduzidas em comparação com as que se iniciavam, que abririam à Europa as portas dos outros continentes.

(32). — *Idem*, fol. 159, r^o, 1a. col. (126 r^o).

(33). — Geneviève Prat, Albi et la Peste Noire, art. publ. em *Annales du Midi*, t. 64, fasc. 1, jan.-mar. 1952, pp. 15-25.

*
* * *

INTERVENÇÕES.

Do Prof. *Eurípedes Simões de Paula* (FFCL. da USP.).

Pergunta se os arquivos paroquiais podem fornecer dados sobre a diminuição de populações, não só devido ao êxodo rural, como também à Peste Negra?

Pergunta também se o Autor tem conhecimento do livro de Elisabeth Carpentier sobre Orvieto, onde ela trata dos efeitos da Peste Negra nessa cidade?

*

Do Prof. *Luís César Bittencourt* (Faculdade Fluminense de Filosofia. RJ.).

Indaga se as Cruzadas seriam apenas, como afirma o Autor, a continuação das peregrinações, ou teria um caráter eminentemente migratório, com ocupação de terras no Oriente?

Pergunta se a expansão aragonesa, com a implantação da Ática catalã não mostra um aspecto dos mais importantes da colonização no Oriente por ocidentais?

*

Da Profa. *Emília Thereza Álvares Ribeiro* (Faculdade de Filosofia de Campo Grande. GB.).

Inicialmente cumprimenta o Autor pelo fato do mesmo “sentir” a Idade Média, não como um período de trevas e, por isso, dar-lhe atenção. Pergunta se atrás das migrações não se pode entrever muitos fatores positivos para o desenvolvimento medieval?

Continuando, diz que a reforma de Cluny, já que o Autor inicia seu trabalho citando o século V e a reforma é do século X, indaga se esses monges viajantes não levavam consigo elementos culturais de uma região para outra? Além desses, os cistercienses, os franciscanos, os dominicanos, etc., que pela filiação dos mosteiros transferiam-se de uma região da Europa para outra, sendo os dois últimos grupos de grande importância para o fim da Idade Média. Indaga também se esses movimentos tiveram importância na migração cultural?

Pergunta ainda, no caso das migrações dos senhores feudais, donos de propriedades nos mais diferentes pontos (para a guerra, para

a administração e até para a alimentação, quando eram fracas a produção local). Não teriam também importância cultural?

Indaga o papel dos jograis itinerantes (transmissores da *geste* nos primeiros tempos e depois da literatura trovadoresca), pois acredita que eles têm grande importância, inclusive para os dados históricos (como os mosteiros também o tiveram)?

A criação de escolas especializadas em diversos assuntos e Universidades, fazendo com que as pessoas cultas viajassem e trocassem dados culturais (inclusive com o aparecimento de bôlsas de estudos)

Os comerciantes, também levavam essas influências em suas viagens chegando a ser criados os tribunais dos *piepowders*?

Também não teriam influência nas migrações a divisa cristã “crescei e multiplicai-vos”, criando problemas de excesso de população e de herança?

Diz querer lembrar as perseguições políticas na Itália e os exílios, como o de Dante (cousa comum) levando indiretamente a grandes trocas culturais.

Finalmente, lembrando que o Autor citou, e muito bem, Marc Bloch, pergunta se a sua conclusão de que a sociedade medieval, excessivamente particularistas e maravilhosamente universalistas (considerando no primeiro aspecto os traços particulares e no segundo os gerais) não é um reflexo dessas migrações?

*

Do Prof. *Ricardo Mário Gonçalves* (FFCL. da USP.).

Pergunta se a expedição mongol de Batu, neto de Gengis Khan à Europa Oriental provocou algum movimento migratório das populações dessa área?

*

Da Profa. *Helga Picolo* (FFCL. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. RS.).

Diz que o Autor na página 170 faz uma referência a Portugal, portanto pergunta se o mesmo poderia fornecer bibliografia especializada sobre o assunto, fora das Ordenações?

No caso disso não ser possível no momento, pede detalhes sobre o assunto.

*

Do Prof. *Jaime Pinsky* (FFCL. de Assis. SP.).

Afirma que o Autor após citar (pág. 164) o entesouramento excessivo como importante fator de depressão, diz que “provavelmente mais graves ainda seriam o imobilismo tecnológico...” decorrentes de “... certo tipo de entesouramento excessivo e improdutivo...” (pág. 165).

Pergunta se não parece ao Autor que voltamos ao primeiro fator (entesouramento excessivo) não sendo como bem coloca o seu trabalho, o imobilismo tecnológico consequência ou desdobramento do mesmo?

*

Da Profa. *Maria Yedda Leite Linhares* (FFCL. da Universidade Federal do Rio de Janeiro. GB.).

A propósito da importância social dos movimentos de população na parte final da Idade Média, diz que em primeiro lugar é necessário notar que a legislação mencionada pelo Autor representa uma medida dos consumidores, basicamente elementos das classes dominantes, contra a fuga, o encarecimento e as reivindicações (inclusive revoltas na Inglaterra, *jaqueries*, etc.) dos “camponeses” (em sentido geral); em segundo lugar a migração para os centros urbanos é o resultado do dismantelamento do sistema agrário dominante, agravado, certamente, pela Peste Negra; finalmente, convém ressaltar a utilização do poder político em mãos das classes dominantes para tentar fixar o homem à terra e obter ao mesmo tempo mão-de-obra a preços satisfatórios.

Diz ainda que é evidente que o tema é inexgotável, podendo ser abordado de vários ângulos, como por exemplo, o impacto da Peste Negra sobre a cultura característica das classes eruditas na Inglaterra medieval, verificando-se que a obra de Chaucer reflete a popularização da língua inglesa.

*

Do Prof. *Eddy Stols* (FFCL. de Marília. SP.).

Declara que não se deveria, para melhor compreensão do tema, levar em conta a estrutura mental e psicológica do homem medieval que tende a resolver seus problemas pelas migrações. Um filósofo francês, Michel Foucault, no seu livro *Histoire de la folie à l'époque classique*, lembrou que os doentes mentais não eram encerrados, mas

sim tratados numa contínua migração de cidade para cidade. Tôda a extensa literatura dos *Narreschiffen* e a iconografia de um Hieronimo Bosch, por exemplo, poderiam esclarecer bastante êste aspecto.

*
* *
*

RESPOSTAS DO PROF. VICTOR DEODATO DA SILVA.

Ao Prof. *Eurípedes Simões de Paula*.

Afirma que, sem dúvida, os arquivos paroquiais têm sido utilizados recentemente na medida que forem sendo conhecidos pelos pesquisadores. Infelizmente, para o período por êle tratado, êsses arquivos são extremamente raros, sendo que os subsistentes, como por exemplo o de Givry na França, estão exaustivamente explorados pelos especialistas.

Diz que sòmente o encaminhamento do assunto o impediu de mencionar o excelente livro de Mme Elisabeth Carpentier, *Une Ville devant la Peste — Orvieto et la Peste Noir*. Verificará posteriormente a possibilidade de reforçar a bibliografia que apresenta.

*

Ao Prof. *Luís César Bittencourt Silva*.

Afirma que ao dizer que as Cruzadas representam um prolongamento das peregrinações quis apenas mostrar o parentesco das motivações dos dois movimentos, sem pretender negar o caráter migratório mais acentuado daquelas em comparação com estas. Pretende, porém, rever o seu trabalho e, eventualmente, alterá-lo no sentido de o tornar mais claro o seu ponto de vista.

Diz também que as atividades da Companhia Catalã no Oriente representam um dos exemplos mais típicos da forma de migrações representada pelo mercenariato militar. Afirma mesmo que cogita introduzir no seu trabalho uma menção a respeito.

*

À Profa. *Emília Thereza Álvares Ribeiro*.

Inicialmente agradece os elogios ao seu trabalho, que julga exagerados, no que concerne a renovação da visão da Idade Média. Passando a responder as perguntas formuladas, diz:

1º). — Não nega a importância cultural das deslocções de membros das ordens monásticas pela Europa durante a Idade

Média. No que tange ao período que é objeto de seu trabalho, essa importância já estava bastante atenuada, com o desenvolvimento do ensino universitário. Ademais as suas preocupações se dirigiam antes a outras formas de migrações.

- 2º). — Não acredita que as deslocções dos senhores feudais de um domínio para outro, por vèzes bastantes distanciados, poderiam ser caracterizados como migrações. Constituem, sem dúvida, um exemplo de mobilidade da sociedade medieval, mas tratar-se-ia antes de um caso de transumância.
- 3º). — Diz que observação do mesmo gênero da anterior poderia ser feita quanto aos jograis.
- 4º). — Afirma também que a fixação do estudante em terra estrangeira não constituia a regra.
- 5º). — Sôbre os comerciantes julga ter feito alusões diretas no texto da comunicação.
- 6º). — Diz que se a “multiplicação” era acelerada, a mortalidade era também elevada e o objetivo do seu trabalho foi mostrar que não só o incremento demográfico é suscetível de provocar migrações, o mesmo ocorre por ocasião das perdas catastróficas de população.
- 7º). — O enquadramento dos exílios, assaz esporádicos, como forma de migração e (ou) colonização poderia fazer com que essas palavras passassem a ter um sentido excessivamente vago.
- 8º). — Sustenta que parece-lhe que o universalismo da Cristandade medieval decorria principalmente da senção que tinham seus membros de pertencerem a uma mesma comunidade unida pelos laços de uma única crença religiosa. Tal sentimento antes foi um estímulo para as migrações do que uma decorrências destas.

*

Ao Prof. *Ricardo Mário Gonçalves*.

Diz que infelizmente os seus estudos se tem limitado à Europa Ocidental e não se arriscaria a nenhuma afirmação relativamente às invasões mongóis no Leste europeu, ainda que a lógica permita supor que parte das populações atingidas tenha procurado fugir aos invasores.

*

À Profa. *Helga Picolo*.

Afirma que tal temática (a das crises dos séculos XIV e XV) tendo passado a ser abordada somente após a II Guerra Mundial, a bibliografia em geral é escassa, em boa parte citada no correr do trabalho. Relativamente a Portugal tal carência é particularmente acentuada. A exigüidade do tempo que lhe fôra concedido somente lhe permitiria dar mais pormenores em diálogo direto, fora do quadro das sessões do Simpósio e declara estar a disposição da sua interlocutora.

*

Ao Prof. *Jaime Pinsky*.

Diz que em seu espírito faz uma distinção clara entre a crise monetária enquanto gerada pelo caráter deficitário das relações comerciais com o Oriente e a insuficiência do meio circulante enquanto originada por deficiências de mecanismos financeiros adequados e pela falta de mentalidade investidora das classes mais altas. Pretende rever a redação da comunicação para sanar qualquer ambigüidade.

*

À Profa. *Maria Yedda Leite Linhares*.

Afirma que tal legislação tinha por objeto o de primordialmente defender o consumidor contra os altos preços motivados pela subida dos salários. Porém, parece-lhe exagerado ver nelas uma política sistemática de controle das classes inferiores pelas camadas privilegiadas das populações. As revoltas de camponeses na França (*jacquerie*) e Inglaterra são bem posteriores à grande Peste de 1348 e estão mais ligadas aos problemas da Guerra dos Cem Anos. Foram revoltas contra a nobreza na medida em que esta era vista como a responsável pela guerra e suas conseqüências.

*

Ao Prof. *Eddy Stols*.

Diz que acredita ter sugerido, ao frizar o caráter semi-nômade da sociedade medieval, a importância do fator mentalidade nas deslocções de populações durante a Idade Média. Evidentemente a sedentarização é sempre um problema lento. A instabilidade seria tal-

vez agravada por deficiências alimentares suscetíveis de perturbar o equilíbrio emocional dos indivíduos de então (vide Lucien Febvre, *Le Problème de l'Incroyance au XVIe siècle — La Religion de Rabelais*). Seria útil mencionar ainda a falta de sentimento de apêgo à terra, resultante da inexistência do princípio da propriedade entre os camponeses: a incapacidade do senhor de proteger seus dependentes, mesmo contra males alheios à sua possibilidade de controle (como no caso da Peste Negra), fazia com que êstes se sentissem autorizados a abandonar suas tendências, em busca de melhores condições de vida.